

A PATRULHA DO DESTINO E A IGREJA DE CRISTO



A equipe de desajustados heróis da DC Comics pode nos dar uma visão do chamado do cristianismo à não conformidade

Publicado no [Think Christian](#)

Por Joe George

Duas pessoas ficam do lado de fora durante uma chuva torrencial. Uma delas, uma mulher chamada Crazy Jane, pergunta: *"O que as pessoas normais têm?"* A outra pessoa, o ex-piloto de carros de corrida Cliff Steele, cujo cérebro foi removido após um acidente horrível, e colocado dentro de um robusto robô de bronze, responde com o óbvio: *"Você está perguntando à pessoa errada"*. Cliff escuta quando Jane desaba e soluça sobre sua incapacidade de ser normal ou forte. E então, depois de fazer uma pausa, ele a pega pelo braço e diz: *"Saia da chuva"*.

Essa conversa está na revista Patrulha do Destino (Doom Patrol) nº 19, de 1989, e representa uma interação comum na série. Depois de estreiar em 1963 com o título de "Os Heróis Mais Estranhos do Mundo", a Patrulha do Destino sempre foi o time de excêntricos da DC Comics: rejeitada pela sociedade após acidentes estranhos que lhes deram poderes bizarros, eles encontram significado juntando-se a outros desajustados. É uma situação familiar para muitos de

nós, que fazemos parte dos desajustados singularmente conscientes conhecidos como Corpo de Cristo.



A lista de integrantes da Patrulha do Destino incluiu desde o mencionado Homem-Robô, Cliff Steele, até um homem-macaco de quatro braços - além de um quarteirão da cidade chamado Danny the Street. Mas nenhuma personagem melhor incorpora o espírito da Patrulha do Destino e sua aceitação de estranhos do que Kay Challis, também conhecida como Crazy Jane.

A melhor definição para ela talvez seja alguém "*quebrado*", defeituoso. Crazy Jane tem um distúrbio de personalidade múltipla e cada uma de suas 64 personalidades tem superpoderes diferentes. Essas personalidades se originam de uma consciência que se fraturou quando ela foi abusada pelo pai, aos 5 anos de idade. Crazy Jane é frequentemente retratada ao lado de peças de quebra-cabeça aleatórias ou dentro de um sistema de metrô, em sua mente - onde cada parada representa uma identidade diferente. Imagens que sugerem um estado de degradação permanente.

"A CURA É UM ATO COLABORATIVO, NÃO UMA RELAÇÃO DE CONTROLE"

Reimaginada pelo escritor da série, Gerard Way, Crazy Jane volta à equipe quando seus colegas a acham controlada por uma 65ª personalidade, chamada Doctor Harrison. Uma amálgama grotesca dos psiquiatras que trataram Kay, Harrison planeja se curar matando as outras 64

personalidades.

Conduzido à estação de metrô mental de Jane (lógica dos quadrinhos; não pergunte), Cliff pergunta: *"Ser curada não é uma coisa positiva?"* Jane responde afirmando a importância da comunidade, declarando: *"A cura é um ato colaborativo, não uma relação de controle"*. Explicando que ela se aceitou, mesmo por sua estranheza, Jane pede o apoio de Cliff, dizendo: *"Eu adoraria que você fizesse o mesmo"*.



O desenhista Nick Derington coloca Jane e Cliff em lados opostos do painel, suas figuras destacadas pelas linhas limpas e grossas do pintor Tom Fowler e pelos tons azuis frios da colorista Tamra Bonvillain. O roteirista Tom Fowler ressalta o desafio enfrentado por Cliff: ou ele aceita Jane, suas falhas e tudo, ou ele tenta *"consertá-la"* destruindo os aspectos que ele não gosta.

Os cristãos frequentemente enfrentam um desafio semelhante ao formar igrejas. Qualquer que seja a razão pela qual escolhemos uma congregação, estamos fundamentalmente lá porque somos pecadores que abandonam a visão de dominação do mundo para representar a graça de Deus. Por uma questão de necessidade, as igrejas estão repletas de desajustados que não apenas rejeitam a conformidade com o mundo, mas são, de fato, chamados a não se ajustar.

E, no entanto, ainda ficamos aborrecidos ou ameaçados pelas esquisitices de nossos companheiros de igreja e sentimos o desejo de *"consertar"* pessoas cujas diferenças consideramos especialmente problemáticas. Nesses casos, corremos o risco de agir como Cliff, tentando tornar os outros mais aceitáveis, enquanto ignoramos nossas próprias peculiaridades e problemas.



Esses problemas não são novos, como demonstrado pelas instruções de Paulo para uma das primeiras igrejas cristãs. Paulo aborda as divisões entre os coríntios, descartando toda a noção de aceitação e estima mundanas. *"Irmãos e irmãs, pensem em como vocês eram quando foram chamados"*, ele escreve. *"Muitos de vocês não foram sábios pelos padrões humanos; muitos não foram influentes; muitos não tiveram nascimento nobre."* Eles eram párias e rejeitados, mas agora parecem estar evitando essas características a favor de uma hierarquia mais *"socialmente aceitável"*, que está causando mais divisão do que crescimento.

Essa própria *"inutilidade"* torna as pessoas valiosas para Deus, que *"escolheu as coisas humildes deste mundo e as coisas desprezadas - e as que não são - para anular as coisas que são"*. O reino de Deus consiste em nada além de ser desprezado e evitado.

Dessa maneira, a Patrulha do Destino reflete a Igreja como Cristo pretendia, cheia de pessoas humildes e desprezadas, as pessoas mais estranhas do mundo. Suas histórias capturam a missão da Igreja em uma imagem simples de um rejeitado convidando o outro a sair da chuva.